



A representação do feminino veiculada pelas Histórias em Quadrinhos da Mônica ¹

Carla Macedo de Mello Pereira

Aluna cursando o 4º ano de Graduação em Pedagogia na Universidade de São Paulo²

Resumo

Este trabalho se propõe a desenvolver uma análise das histórias em quadrinhos da *Mônica*, sob a perspectiva da Sociologia da Educação. Nesta reflexão, será estudado o papel da mídia na formação da identidade de gênero partindo da hipótese de que a produção cultural midiática da atualidade age como um importante agente socializador, transmitindo informações e ideais de comportamento. Neste sentido pode ser caracterizado como um recurso educativo que serve como documento histórico relevante no auxílio de análises sociais de modelos, ideologias e práticas humanas.

Palavras-chave

Mônica ; Historias em Quadrinhos ; Mídia ; Educação ; Gênero

Corpo do trabalho

1) Introdução

Atualmente vivemos dois processos simultâneos que modificam substancialmente os processos socializadores da atualidade : “a perda de espaço da escola no processo de formação intelectual e pessoal do sujeito na atualidade”³ e o crescimento da participação da cultura midiática neste processo. Desta forma surge a necessidade dos educadores repensarem sobre estas “outras linguagens passíveis de transmitir e produzir conhecimento”⁴.

Segundo Martin-Barbero (1999), a escola foi durante séculos o lugar legítimo do saber. E apesar do surgimento de novas linguagens, esta instituição continua com seu discurso ligado aos livros e à fala do professor, sendo esses dois elementos incapazes de assumir toda a diversidade de linguagem e de escrita que os jovens levam até ela. Esta

¹ Trabalho que deverá ser apresentado no Intercom Júnior na sub-área Mediações e Interfaces Comunicacionais

² Carla Macedo de Mello Pereira é estudante do 4º ano de graduação da Faculdade de Pedagogia da USP-SP.

Desenvolveu esta pesquisa em sua Iniciação Científica onde foi orientada pela Professora Doutora Maria da Graça Jacintho Setton. Atualmente participa de um grupo de estudos de Sociologia da Cultura e pretende dar continuidade à seus estudos sobre a Turma da Mônica em seu TCC que será desenvolvido em 2007.

³ SETTON, 2004

⁴ SETTON, 2004



postura das instituições escolares, de negar que o saber legitimado passa atualmente por diversos outros lugares, faz com que as crianças aprendam sem prazer: como tarefa, ofício, e não como espaço do imaginário, do prazer e da criatividade⁵.

Tal situação ocorre porque é mais fácil para os professores colocarem a culpa na televisão e “desvalorizar outras possibilidades de relação criativa na produção com os meios”⁶. Ignorando que os alunos expressam a emergência de outras culturas, de outra sensibilidade e de outra forma de construir suas identidades, combinando elementos de culturas muito diversas, que antes seriam incompatíveis⁷. Hoje em dia, os jovens trabalham com mais interferências no processo cognitivo. Por isso, submetê-lo a uma aprendizagem linear e segmentada, em termos de pacote de saber, “é desconhecer todos os outros modos de organização, de difusão, de contato com o conhecimento que o adolescente esta adquirindo”⁸

Para Martin-Barbero, a empatia dos jovens com as novas tecnologias é cognitiva⁹, uma vez que temos novos modos de dizer e de narrar. Sendo, desta forma, importante não só que a escola a reconheça como “um novo organizador perceptivo”¹⁰, mas que ela repense a sua função dentro da sociedade. Para o autor, uma boa educação permitiria que a maioria dos cidadãos seja competente na sociedade, sendo o professor o responsável em ajudar os alunos a sistematizar experiências, a partir da memória de diferentes gerações¹¹.

Sabat (2004) por sua vez, acredita que a influência das produções midiáticas se dão através da diversão e do prazer sem saberes planejados, de forma que a sua lógica extrapola a fronteira entre o conhecimento escolar e o cotidiano. Assim, o incidental learnig (aprendizado sem intenção) faz com que aconteça uma maior identificação com os modelos sugeridos pela mídia do que cobrados pela escola¹².

Segundo Setton (2002) uma aproximação da escola e da família com a mídia poderia resultar em uma aproximação com o discurso do jovem na atualidade. Isso porque há uma emergência desta cultura visual que joga com emoções, sentimentos e idéias, e os jovens estão sendo assim precocemente socializados por ela¹³.

⁵ MARTÍN-BARBERO, 1999

⁶ MARTÍN-BARBERO, 1995: 51

⁷ MARTÍN-BARBERO, 1999

⁸ MARTIN-BARBERO, 1999: 76

⁹ MARTIN-BARBERO, 1999: 74

¹⁰ MARTIN-BARBERO, 1995 :46

¹¹ MARTIN-BARBERO, 1999: 78

¹² CARNEIRO, 1995

¹³ KELLNER, 2001.



Para Kellner (2001) o aprendizado de uma leitura crítica da mídia poderá aumentar a autonomia frente a ela e aos seus produtores que na maioria dos casos utilizam os meios de comunicação de massa para nos acostumar com modelos oriundos da cultura dominante. Para haver identificação com as opiniões, comportamentos, atitudes, e para os indivíduos fazerem parte de uma cultura de consumo, são utilizadas tecnologias, formas de entreter e cativar, que os apocalípticos chamariam de “narcotização”. Kellner acredita na leitura subjetiva do público, criando suas próprias imagens e se apropriando desta mídia de formas diversas.

2) Quadro Teórico

Visto que a mídia é uma das instituições socializadoras mais importantes destes últimos dois séculos, sendo responsável, juntamente com a família e com a escola, pela transmissão de modelos de comportamento, faz-se necessária a discussão acerca de suas possíveis influências na constituição da identidade na atualidade. O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a da especificidade das relações de gênero¹⁴ nesta sociedade onde a mídia tem uma presença bastante significativa.

Atualmente, existem diversas linhas de pesquisa que buscam desvendar as razões das diferenças entre os gêneros. No entanto, para este trabalho, irei me basear em apenas duas: as relativas ao determinismo biológico, que atribuem as diferenças a fatores biológicos; e às denominadas construcionistas sociais, que acreditam no caráter social da formação dos significados referentes a gênero¹⁵.

A vertente determinista fundamenta, quase exclusivamente, suas explicações sobre as diferenças entre homens e mulheres em características físicas tidas como naturais e, portanto, permanentes¹⁶. Atribui-se então à mulher a esfera privada, já que ela é “instintivamente” voltada à maternidade e ao lar. Por outro lado, ao homem é atribuído o espaço público e as conquistas externas, uma vez que a força e a liderança lhe são “inatas”¹⁷. Desta forma, a base da identidade feminina está relacionada ao domínio familiar e a seu papel reprodutivo, enquanto que para o homem a base está na virilidade e na força física¹⁸.

¹⁴ NICHOLSON, 2000.

¹⁵ NICHOLSON, 2000.

¹⁶ VIANNA e SETTON, 2002:114.

¹⁷ VIANNA e RIDENTI, 1998.

¹⁸ VIANNA e RIDENTI, 1998.:98



Este “entendimento fisiológico da identidade sexual”¹⁹ possibilitou que, em diversos momentos da história, a divisão do trabalho fosse assimétrica e hierarquizada, reservando às mulheres tarefas menos especializadas e mal remuneradas ao contrário do que aos homens²⁰. O que remete ao feminino um papel de submissão²¹ ao mesmo tempo que caracteriza os gêneros como categorias opostas e excludentes. Segundo Vianna e Setton (2002) “podemos, então, reforçar a desigualdade de gênero quando não nos posicionamos criticamente e sem maiores ponderações diante destas idéias pré concebidas”²².

Em contraponto a esta linha de pensamento temos a corrente construcionista social que acredita no caráter “sócio-histórico, eminentemente cultural do gênero”²³. Segundo os construcionistas, esta divisão é feita com base não só no sexo do indivíduo, que é uma característica física mas, também, no papel social que ele desempenha²⁴. Isso porque segundo Nicholson (2000) “a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento mas, também, as maneiras como o corpo aparece” ou seja “o próprio corpo é visto através de uma interpretação social”²⁵. Assim percebem a identidade sexual como produto de um sistema de crenças que podem apreciar a diversidade profunda das formas pelas quais as distinções entre o masculino e o feminino podem ser entendidas²⁶.

Como já foi dito anteriormente, acredito que a identidade de gênero é socialmente construída e seus significados estão relacionados a todo um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores elaborados a partir das diferenças sexuais²⁷. Para tanto, tratar de gênero baseando-se somente nas diferenças físicas, pressupõe assumir um significado permanente, ignorando o papel do processo socializador na construção destes significado, que é problemático, pois fixa uma desigualdade e naturaliza comportamentos de exploração ou submissão por parte de um ou outro sexo.

Quero com isso reiterar que a instituição midiática desempenha, no contexto atual, um importante papel no que diz respeito à construção dos conceitos de feminilidade e masculinidade hegemônicos. Isso porque veicula formas de conduta mais

¹⁹ NICHOLSON:2000:22

²⁰ RAGO, 1997: 584

²¹ BELOTTI, 1985.

²² VIANNA e SETTON, 2002 :115

²³ VIANNA e SETTON, 2002 :113

²⁴ VIANNA e RIDENTI, 1998.

²⁵ NICHOLSON, 2000:9

²⁶ NICHOLSON, 2000: 15

²⁷ CECF, 1994.



ou menos aceitas para um grande número de pessoas, disseminando modelos que antes eram restritos a um grupo.

3) Objetivos e hipóteses da pesquisa

Posto isto, seria importante reiterar os objetivos deste projeto. Ou seja, analisar a socialização de modelos de feminino veiculadas pelas histórias em quadrinhos da *Mônica*, durante dois períodos : a década de 1970 . Este períodos corresponde: aos primeiros anos (primeira década) de publicação das revistas em quadrinhos da *Mônica*, que nos possibilita ter um panorama do contexto no qual a personagem surgiu.

As hipóteses aqui apresentadas são: (i) a identidade de gênero é construída socialmente ²⁸ e (ii) as representações transmitidas pelos meios de comunicação de massa influenciam na construção da identidade do indivíduo ²⁹. Desta forma, pretendo analisar as histórias da personagem, buscando ampliar as discussões sobre o papel da mídia no processo de formação da identidade de gênero nas crianças.

Acredito que a participação da mídia no processo educativo infantil se dá de duas maneiras: repetindo modelos de conduta aceitos em uma determinada sociedade ou apresentando outras formas de viver estes modelos, questionando o status quo ³⁰. Em ambas as situações ela está presente na criação da identidade dos imaturos, juntamente com a família e a escola ³¹. Isso porque não atua somente como entretenimento, se apresenta também como um importante recurso educativo responsável pela socialização de modelos comportamentais.

4) Procedimentos metodológicos

Este estudo compreendeu uma análise crítica das representações de gênero veiculadas pelas histórias em quadrinhos da *Mônica* sob a perspectiva da Sociologia da Educação. Como já foi dito anteriormente, a escolha por tratar os modelos de feminino e masculino transmitidos pela mídia se baseia na idéia de que o gênero é uma construção social ³² e que, portanto pode ser modificada pela ação educativa. Utilizarei a idéia de

²⁸ SCOTT, 1995:75

²⁹ SETTON , Projeto de Pesquisa : Família, escola e mídia: um estudo sobre as praticas de socialização no mundo contemporâneo : de 2002 a 2005.

³⁰ KELLNER, 2001.

³¹ SETTON , Projeto de Pesquisa : Família, escola e mídia: um estudo sobre as praticas de socialização no mundo contemporâneo : de 2002 a 2005.

³² SCOTT, 1995.

“uso analítico do gênero”, desenvolvida por Scott³³, visando refletir também o contexto no qual estas histórias estão inseridas, para melhor analisá-las.

O material escolhido (histórias em quadrinhos) me pareceu adequado já que é barato³⁴, de fácil acesso para amplo segmento da população e desperta grande interesse no público infantil. Outro aspecto considerado foi haver no Brasil uma empresa muito bem sucedida neste ramo, que consegue manter-se por décadas no mercado nacional e internacional.

Em 1963, Maurício de Sousa criou a *Mônica*, uma personagem feminina com características não hegemônicas: força física e liderança em contraponto à imagem de frágil e submissa, geralmente associada às mulheres. Estes atributos fazem desta protagonista um ícone da cultura infantil, servindo como exemplo de uma forma peculiar de ser mulher, tornando-se assim, um rico material de estudos.

A escolha pela personagem também se dá devido à grande identificação do público com suas histórias: de 77% das crianças que se identificam com os personagens das histórias em quadrinhos, 35% se identificam com a *Mônica*, 27% com o *Cebolinha*; 20% com a *Magali*; 12% com o *Cascão* e 2% com o *Chico Bento*³⁵.

Uma vez escolhidas as revistas da *Mônica* como objeto de estudo fez-se necessária a delimitação de um período histórico, já que a personagem é tratada em um grande número de publicações, o que inviabilizaria a exploração adequada de todas elas. Optei, assim, por estudar as histórias circunscritas entre 1970 e 1979, num total de 740 histórias da personagem, distribuídas em 116 revistas. Dentre estas, explorei as que abordavam explicitamente a questão de gênero.

Dado o rico universo de possibilidades para abordar a temática escolhida optei por selecionar algumas histórias que fossem representativas das questões que tangem as relações de gênero: i) brincadeiras de menino, ii) brincadeiras de menina, iii) beleza e vaidade, iv) relacionamentos afetivos, v) luta por poder e vi) medos.

Foram escolhidas trinta e uma histórias para analisar o modelo de mulher veiculado pelas histórias em quadrinhos da *Mônica* durante a década de 1970, que são: “A Dona da Rua”; “Menina- moça”; “Porta Bandeira”; “Os planetinhas”; “Um carrinho com carinho”; “Salto Alto”; “Minha doce Mônica”; “A boa Mônica”; “Já sou uma mocinha! Já sou um mocinho!”; “Brincando de casinha”; “Cavalheirismo”; “O satélite artificial”; “Concorrência, não!”; “O primeiro fiu-fiu”; “Menininha tão frágil”; “Medo

³³ SCOTT, 1995:85.

³⁴ Preço varia entre 3,00 R\$ e 5,00 R\$



ou respeito?"; "Vamos brincar com os amigos"; "A Reunião"; "O instinto maternal"; "Meu primeiro amor"; "A mais fofa"; "O charme"; "Vamos salvar os meninos"; "Os cílios"; "O bujão do João"; "A elegância"; "A tagarela" e quatro histórias sem título.

4.1 Etapas Concluídas

1ª etapa: Escolha do Objeto de Estudo

O primeiro momento do projeto foi a escolha do objeto de estudo. Parecia pertinente fazer um estudo a cerca da qualidade dos programas televisivos direcionados para o público infantil. Assim, fiz um levantamento da programação veiculada pela televisão aberta para as crianças onde constatei que quase 60 % da programação infantil é preenchida com desenhos animados. Esta constatação justificava um estudo aprofundado sobre esta mídia.

Outro aspecto que me chamou atenção durante o curso de pedagogia foi a discussão sobre gênero. Isso porque, objetivando uma prática educativa apoiada na reflexão contínua, percebi ser fundamental pensar sobre como as identidades feminina e masculina vêm sendo construídas pelas mídias, em uma sociedade na qual os meios de comunicação de massa desempenham um papel fundamental na formação do imaginário coletivo³⁶.

Desta forma, iniciei com a proposta de traçar paralelos entre a programação de desenhos animados veiculados na televisão aberta, durante as décadas de oitenta e noventa, e a realidade da mulher durante este período. Para tanto, me apoiaria em uma tese de mestrado que contava sobre a história dos desenhos animados no Brasil. Todavia, constatei que a relação da produção audiovisual na qual me apoiava estava incompleta. Na busca de fontes mais precisas, percebi que havia lacunas não só na documentação dos programas transmitidos nas duas décadas, como também no acesso aos materiais audiovisuais transmitidos no período tratado. O levantamento de outra lista pareceu inviável, uma vez que o projeto não tinha pretensões de historicização e o tempo disponível era restrito. Desta forma, optei por trabalhar somente um desenho animado (significativo nestas duas décadas) que contasse com personagens femininos marcantes.

³⁵ ZURITO, 2001

³⁶ SETTON:2004; MARTIN-BARBERO: 2003, KELLNER: 2001.



Chamou-me a atenção à personagem *Mônica*, dado sua força física, temperamento irritadiço e muitas vezes grosseiro, uma vez que estas características a destacavam das demais personagens femininas do período. A criação de um dos poucos brasileiros no ramo, que conseguiu se estabelecer solidamente no mercado midiático nacional e internacional, parecia contestar o modelo de feminilidade hegemônico.

2ª etapa: Embasamento Teórico

Feita a escolha, busquei um embasamento teórico a cerca do assunto : mídia e relações de gênero. Neste momento, levantei dados sobre desenhos animados, sobre Maurício de Sousa e seus personagens, além do estudo de teóricos da comunicação, da educação e da sociologia acerca da temática “mídia e educação”. Pude constatar que grande parte da bibliografia referente à mídia e à educação foi escrita por profissionais da área da comunicação, havendo poucos estudos feitos a partir da ótica dos educadores.

Visando conhecer mais sobre o criador da personagem e sua empresa, visitei a Maurício de Sousa Produções, onde tive contato com funcionários, acompanhei a produção de histórias em quadrinhos e de desenhos animados (em março de 2004 e setembro de 2005) .

Cursei duas disciplinas optativas na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP na expectativa de conhecer as contribuições da área da Comunicação. A primeira delas, *Leitura Crítica de Histórias em Quadrinhos*, ministrada por Waldomiro Vergueiro, aprendi sobre a história das Histórias em Quadrinhos (no mundo e no Brasil), sobre os tipos e as diferenças relativas à linguagem visual no que diz respeito às cores, aos traços, aos cenários, aos tipos de quadros e aos ângulos utilizados com mais frequência.

Na segunda disciplina cursada, *Produção de Áudio Visual na Educação*, oferecida pela Professora Marília Franco, tive um panorama geral da área “Educomunicação”, ou seja, um novo campo do conhecimento que vem se construindo nos últimos 20 anos no Brasil e que visa relacionar os elementos da cultura midiática com os efeitos educativos que eles podem provocar.

Cursei também, na FE-USP a disciplina *Relações de Gênero e Educação I: Trabalho, Educação e Gênero*, com a professora Claudia Pereira Vianna para ampliar



meus conhecimentos sobre os debates feitos a cerca da formação da identidade de gênero³⁷.

Ainda buscando complementação teórica, principalmente na área de comunicação, participei de eventos como :

1)“1º Seminário Brasileiro de Educação para a criatividade Inovação e Desenvolvimento Sustentável: Qualidade e Oportunidade para Todos” que aconteceu na Poli – USP , no qual assisti a uma palestra sobre Rádio e TV Educativa;

2) 5º CONED de Recife onde participei da oficina “Psicologia e sua dimensão educativa: a utilização da mídia televisiva como instrumento da inclusão social” ;

3)2ª e 3ª Semana de Educação (FE-USP), onde participei do Projeto Cine Debate assistindo a professores experientes analisando materiais audiovisuais sob o ponto de vista educacional e da mesa redonda “Como os setores governamentais e não governamentais articulam educação e cultura?” com Danilo Santos de Miranda (diretor do SESC SP), respectivamente;

4)Defesa de tese de Claudemir E. Viana, orientando de Elza Dias Pacheco intitulada "O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e Internet no cotidiano infantil”;

5)Outro evento importante do qual, entretanto, não pude participar foi a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes que aconteceu no Rio de Janeiro em abril deste ano. Apesar de minha ausência acompanhei o evento via internet;

6) Assisti a palestra ‘Desenvolvimento Humano e Unidade das Ciências’ com Pierre Lévy no projeto *Universo do Conhecimento/ Planeta Terra : Um olhar transdisciplinar*, oferecido pela Universidade São Marcos dia 19 de setembro de 2005.

7) Participei também de um grupo de estudos sobre mídia e educação organizado pela professora doutora Maria da Graça Jacintho Setton, na FE-USP. Neste espaço, tive a oportunidade de socializar e partilhar interesses e problemas de pesquisa sobre o tema mídia e educação. Na ocasião, 1º semestre de 2005, lemos o livro “Dos meios as Mediações” de Jesus Martín-Barbero onde pude conhecer melhor a perspectiva de análise dos Estudos de Recepção, o que foi essencial para a discussão teórica deste trabalho.

8) Apresentei o meu projeto de pesquisa em dois eventos da Universidade de São Paulo: na Semana de Educação (FE-USP) e no 13º SIICUSP (Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo), o que me

³⁷ neste curso lemos: BOURDIEU; NICHOLSON; SCOTT; PIERUCCI; VARIKAS; CORREA.



possibilitou ouvir o que outras pessoas pensavam sobre minha pesquisa, além de praticar o discurso público.

3ª etapa: Mudança: de Desenhos Animados para Histórias em Quadrinhos

Durante o levantamento dos filmes feitos pela Maurício de Sousa desde os anos 1980, consultei cinco estabelecimentos comerciais (três vídeo locadoras pequenas, a Fnac Paulista e uma locadora 100% Vídeo) afim de mapear um futuro material de pesquisa.

A busca pelo material fez-me constatar que o acesso a ele era custoso: para a realização da pesquisa, as fitas VHS e DVDs deveriam ser alugados com frequência, o que se tornou inviável. Desta forma, optei por dar continuidade ao trabalho utilizando as revistas em quadrinhos da *Mônica*, cujo acesso foi gratuito devido a gibiteca municipal Henfil no Centro Cultural São Paulo.

4ª etapa: Construção da Tabela

Inicialmente a intenção era conhecer o material disponibilizado. Vale ressaltar que tive acesso a quase totalidade das publicações, desde a década de 1970 até os dias atuais. A fim de trabalhar apenas com as histórias em quadrinhos relativas à questão de gênero foi necessário selecionar para leitura e construção da ficha apenas uma parte do acervo. Assim, durante os meses de setembro e outubro de 2004, foram pesquisadas 116 revistas, circunscritas na década de 1970, num total de 740 histórias da *Mônica*. A leitura atenta demonstrou ser fundamental para a compreensão e o levantamento de categorias de análise.

Desta forma, buscando organizar o material disponível, criei uma tabela onde relacionei todas as histórias cuja *Mônica* era a personagem principal dentro de sua revista. A partir desta relação (que continha também o número da revista, o mês e o ano da publicação e as páginas das histórias) identifiquei as que tratavam a questão de gênero de forma clara e explícita. As outras histórias também foram categorizadas quanto ao tipo de narrativa, porém de forma superficial, já que fugiam do interesse da pesquisa.

5ª etapa: Elaboração das fichas

Com as tabelas contruídas pude identificar algumas categorias referentes ao gênero e, a partir delas, selecionei três histórias de cada ano para fazer as fichas.

As fichas foram elaboradas visando obter informações a cerca de como a personagem se relaciona com a questão de gênero. Nelas continham dados sobre a revista :data de publicação, número de páginas; informações sobre a história (personagens que aparecem, cenário onde ocorre) juntamente com o resumo dela; questões relativas a relação dos personagens com outras instituições e com os adultos e, por fim, questões que remetiam à identidade de gênero das personagens.

6ª etapa: Análise das Histórias

A análise das histórias foi feita a partir de três eixos norteadores: beleza e relacionamentos afetivos; lutas por poder e medos; brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas. As análises foram construídas baseadas nas 31 histórias selecionadas para a construção das fichas e nos textos : Educar para a submissão, de Elena Belottim (1985) ; A dominação masculina, de Pierre Bourdieu (1995) e Uma análise do papel da mulher e sua evolução nos desenhos animados de Sônia Margarida Castaneda Canellas (1990).

4.2 Projetos Futuros

Visando dar continuidade ao trabalho desenvolvido na Iniciação Científica, pretendo estudar as histórias em quadrinhos da Mônica produzidas entre 2000 e 2005, buscando compará-las com as feitas na década de 1970.

Para tanto, construirei uma tabela com a relação de todas as histórias cuja Mônica é a personagem principal dentro de sua revista. A partir desta relação (que também irá conter também o número da revista, o mês e o ano da publicação e as páginas das histórias) identificarei as que tratam a questão de gênero de forma clara e explícita, e as categorizarei em : beleza e vaidade; brincadeiras de menino; brincadeiras de menina; lutas por poder; medos e relacionamentos afetivos.

Com as tabelas construídas selecionarei três histórias de cada ano para fazer fichas. Estas fichas serão elaboradas visando obter informações acerca de como a personagem se relaciona com a questão de gênero. Nelas constarão dados sobre a revista: data de publicação, número de páginas; informações sobre a história (personagens que aparecem, cenário onde ocorre) juntamente com o resumo dela; questões relativas a relação dos personagens com outras instituições e com os adultos e, por fim, questões que remetiam à identidade de gênero das personagens.



Em seguida irei me dedicar à análise das histórias selecionadas. Neste momento terei também que me dedicar à leituras sobre a história da mulher, uma vez que este foi um tópico pouco explorado na elaboração do primeiro trabalho.

Com os dois períodos devidamente analisados me dedicarei às comparações baseadas principalmente nas categorias já mencionadas.

5) Considerações Finais

Acredito que as histórias em quadrinhos, possuem um papel educativo, influenciando nas mudanças sociais. Entretanto, suas formas de educar, envolvem o indivíduo pela via do entretenimento, o que a distingue da educação oferecida pela família e pela escola, que dissociam o prazer do aprendizado.

Sobre a personagem, que é um ícone da cultura midiática infantil, é importante lembrarmos que foi criada por um homem na década de setenta e reflete a transição vivida pela mulher durante este período sob o ponto de vista masculino. Neste sentido ela trata das oscilações vividas pelas mulheres do período, refletindo a sociedade e facilitando que este processo de mudança se consolidasse. Desta forma Mônica pode ser vista tanto como um reflexo das aspirações das meninas daquela época como também por ser uma referência para elas (influenciando e sendo influenciada pelas aspirações do momento).

Atualmente vivemos em um contexto onde as instituições formais e nacionais de ensino vem sofrendo uma crise perdendo muito de seu espaço para outras instituições³⁸. Desta forma, faz-se necessário uma compreensão transdisciplinar da educação, que valorize também a educação extra-escolar. Isso porque, as mudanças proporcionadas pelo capitalismo internacional colocam novas questões para a pedagogia, intelectualizando o processo produtivo requerendo dele maior capacidade de abstração, atenção e flexibilidade³⁹. Para tanto a familiarização com os meios de comunicação e informática e as competências comunicativas e criativas são demandas desta nova realidade⁴⁰.

Neste sentido é fundamental a participação dos pedagogos em todas as instâncias da sociedade, ampliando a “idéia simplista e reducionista” do conceito de pedagógico (metodologias)⁴¹. Percebendo a educação cada vez mais como “uma prática social que

³⁸ LIBÂNEO, 1998.

³⁹ LIBÂNEO, 1998.

⁴⁰ LIBÂNEO, 1998.

⁴¹ LIBÂNEO, 1998.



atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”⁴².

Seguindo este raciocínio, a cultura midiática vem sendo uma das instituições mais importante no que se refere a socialização de modelos de conduta, no contexto atual. Por esta razão, fazem-se necessários mais estudos sobre ela sob a ótica dos educadores. Isso porque apesar de atualmente existir um campo de conhecimento sobre o assunto que é a educomunicação, este espaço é ocupado quase exclusivamente por comunicadores.

Também é importante que educadores escolares ou não, pensem em estratégias de atuação visando proporcionar uma leitura crítica destes meios. Este olhar transdisciplinar, necessário na leitura crítica dos meios de comunicação, pareceu-me também possibilitar aos educadores uma melhor formação.

6) Referências bibliográficas

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a Submissão**. Petrópolis: Vozes, 1985, P 71- 163.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. Programas educativos na TV. IN: **Revista de Comunicação e Educação**.. São Paulo: Brasiliense, 1995. No 15maio / agosto 1995. Pp.29-34

Conselho Estadual da Condição Feminina, caderno 5, Educação, 11- 1994, Governo do Estado de São Paulo.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** . São Paulo: Edusc, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998. P17-60

MARTÍN-BARBERO, Jesús. _America Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. IN: **Sujeito, O lado oculto do receptor**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Sujeito, Comunicação e Cultura. IN: **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1999. P 62-80

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. IN: **Estudos Feministas**. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, 2000, p. 9-42

⁴² LIBÂNEO, 1998:22



RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. IN: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/UNESP,1997

SABAT, Ruth. Filmes infantis como máquina de ensinar. IN: **A cultura da Mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo : Anablume,2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: **Educação & Realidade**. Porto Alegre : v. 20, n.2, jul/dez. 1995, p. 71-99

SETTON, Projeto de pesquisa : **Família Escola e Mídia: Um estudo sobre as práticas de socialização no mundo contemporâneo**. 2002-2005.

SETTON, Maria da Graça J. O cinema como recurso pedagógico. IN: **A cultura da Mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume, 2004

SETTON, A particularidade do processo de socialização contemporâneo. a ser publicado IN: **Revista Tempo e Sociedade** (revista do departamento de Sociologia FFLCH-USP) no 2º semestre de 2005

VIANNA, Claudia & RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola :das diferenças ao preconceito. In.: **Diferenças e Preconceito na escola**. São Paulo. Summus: 1998, pp.93-106

VIANNA, Claudia Pereira e SETTON, Maria da Graça Jacintho . O conceito de gênero e a construção dos sujeitos femininos na família: o uso do cinema nas reflexões educacionais. IN: **Educação em Revista**. Marília: Ed UNESP, 2002. P 107- 122

ZURITO, Cristiane P. **A influência da Turma da Mônica na formação da criança de 7 e 14 anos da cidade de Guariba e Jaboticabal**. Ribeirão Preto: [s.n.], 2001. (Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Ribeirão Preto)

Histórias em quadrinhos:

A Dona da Rua. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 02 : 59-66, 06/70

Menina- moça. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 03 : 31-35, 07/70

Porta Bandeira. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 03 : 51-54, 07/70

Os planetinhas. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 11: 3-15, 03/71

Um carrinho com carinho. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº13: 31-34, 05/71

Salto Alto. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 19: 61-65, 11/71

Minha doce Mônica. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 25 : 3-13 ,05/72



- A boa Mônica **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 28: 3-14, 08/72
- História sem título **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 28: 66, 08/72
- Já sou uma mocinha! Já sou um mocinho! **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 35: 44-46, 03/73
- Brincando de casinha. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 38: 10-14, 06/73
- Cavalheirismo. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 44:62-65, 12/73
- O satélite artificial. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 47: 13-21, 03/74
- Concorrência, não! **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 48:30-32, 03/74
- O primeiro fiu-fiu. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 53:44-45, 09/74
- Menininha tão frágil. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 54: 58-65, 10/74
- Medo ou respeito? **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 59: 21-25, 03/75
- História sem título **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº61:66,05/75
- Vamos brincar com os amigos_ **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº62:27-32, 06/75
- A Reunião. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 72: 42-43, 04/76
- O instinto maternal. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 72: 44-52, 04/76
- Meu primeiro amor. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 74: 27-32, 06/76
- A mais fofa. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 82: 44-49, 02/77
- O charme. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 88: 42-47, 08/77
- História sem título **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº92:53,12/77
- Vamos salvar os meninos. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 99: 60-65, 07/78
- História sem título **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº100:54,08/78
- Os cílios. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº101:32-36,09/78
- O bujão do João. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº 105:60-65,01/79
- A elegância. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº107: 58-65,03/79
- A tagarela. **Revista da Mônica**. São Paulo: Editora Abril, nº109: 21-24,05/79